

## DO PRÉ-HUMANO AO ULTRA-HUMANO

### OU «AS FASES DUM PLANETA VIVO» \*

A astronomia começa a desvendar nos céus uma classificação e uma vida das estrelas: vermelhas, azuis, brancas, gigantes, médias, anãs. Cada tipo percorre (em dimensões, em radiação específica e em luminosidade) um certo ciclo de transformação.

Este jogo interessa-nos.

Será que já alguma vez imaginámos quão apaixonante e mais emocionante ainda seria para nós chegarmos a seguir, ou, pelo menos, a reconstituir, no amago das galáxias, a história, já não de sóis resplandecentes, mas dos misteriosos planetas com vida?

Tais astros (que certamente existem, como veremos) não irradiam apreciavelmente, pelo menos para os nossos instrumentos actuais.<sup>1</sup> Ignoramos ainda tudo quanto ao seu número, a sua distribuição, a sua história. Dito doutro modo, para o seu estudo, estamos sempre reduzidos:

1º à observação dum único caso ou espécimen (a nossa Terra);

2º ao facto de este se encontrar ainda, aparentemente, muito longe de ter atingido o seu pleno desenvolvimento.

Situação desfavorável, – mas, contudo, utilizável, na medida em que, graças aos assinaláveis fenómenos de sedimentação e de fossilização, o passado biológico do nosso astro tornou-se acessível à nossa observação, ao longo de perto de mil milhões de anos.

Tentemos, pois experimentar, sobre este exemplar bem representativo (ainda que único e, provavelmente, «imaturo») estimar cientificamente aquilo que poderá ser, em grandes linhas, a curva evolutiva de qualquer planeta com vida.

Problema em que o afectivo se mistura, singularmente, ao especulativo, uma vez que, no caso, não se trata nada de menos do que reconhecer e extrapolar o nosso próprio destino.

Como uma nova de tipo singular, a Terra, há mais de 600 milhões de anos, começou a avermelhar-se fracamente com vida. Sob a influência da radiação solar, o filme sensível das suas águas juvenis carregou-se, de repente, aqui e ali, de proteínas assimétricas e abundantes. Por que abalo súbito ou, ao contrário, por que lenta maturação, se terá produzido o fenómeno? Não somos capazes de o dizer. Mas o que sabemos é que, desde logo, se deu certamente um tal acontecimento, e, de seguida, que ele não poderia, por necessidade estatística, deixar de se produzir, dadas as condições físico-químicas do astro que nos abriga. Dum ponto de vista mecanicista, por mais improváveis que, com efeito, possam parecer os extraordinários edifícios orgânicos realizados pela Vida, parece cada vez mais evidente que, na direcção desses estados de combinação extremos, a substância cósmica é transportada por uma espécie de atracção

---

\* Teilhard de Chardin, Paris 27 de abril 1950, tomo 5 OC – *O FUTURO DA HUMANIDADE* – trad. A. Paixão (NT: segundo a lista bibliográfica de Teilhard incluída no tomo 13 OC, o texto original deste ensaio teve por título «Réflexions sur l’ultra-humain – ou Les Phases d’une planète vivante». Em 1951, foi publicado no *Almanach des Sciences*, sob o título «Du préhumain à l’ultra-humain». O título adoptado na edição das OC, tomo 5, é um misto dos dois, tendo desaparecido «Réflexions sur l’ultra-humain».

<sup>1</sup> Mas será impossível imaginar, para um dia mais tarde, espectroscópios sensíveis a radiações da vida?... (NA)

particular que faz com que ela, a cada instante, de preferência aproveite, no jogo dos grandes números em que se encontra envolvida, todas as ocasiões de se tornar mais complexa e, assim, se libertar sempre mais.

Assim se explica que, esporadicamente, no decurso do tempo, tenham podido e devido aparecer, no seio dos espaços siderais, múltiplos focos de indeterminação e consciência, de que temos justamente um exemplo na nossa Terra. Por mais excepcional que a Vida seja em certos aspectos da sua estrutura, tudo se passa como se ela estivesse sob pressão por todo o lado no nosso universo. E tudo se passa como se, lá onde a fantasia dos acasos cósmicos lhe tenha permitido brotar e incrustar-se, ela não pudesse mais cessar de se intensificar ao máximo, seguindo um processo automático que a seguir analisamos.

À partida, multiplicação. Pela sua natureza físico-química, a matéria viva, desde os seus estados mais inferiores, apresenta o extraordinário poder de se reproduzir em progressão geométrica, indefinidamente. Deste modo, por mínimos ou dispersos que tenham sido inicialmente sobre o planeta os amontoados de proteínas vitalizadas, essas manchas não puderam deixar de se espalhar rapidamente até invadir toda a superfície do astro; este desdobrar por sobre uma curvatura fechada produziu, após um certo período de expansão livre, uma compressão cada vez mais forte. Sujeito a uma pressão mecânica crescente, um gás muda, normalmente, de estado. Semelhantemente, uma multitude de indivíduos, uma massa viva, submetida, por compressão em volume fechado, a uma concentração biológica crescente, reage organizando-se sobre si mesma, isto é, encontrando, por tacteamentos seleccionados, as combinações, quer de indivíduos, quer colectivas, que lhe permitem melhor emergir: as «melhores» combinações são, de facto, aquelas em que os graus de complexidade são os mais elevados e, correlativamente, a indeterminação a mais avançada.

Por escrupulo de objectividade científica, certos biólogos hesitam ainda em ver no desenvolvimento histórico da vida terrestre outra coisa que não seja um desdobrar indefinido de formas operando sobre um mesmo plano. Sempre mais seres vivos e mais combinações de vivos, concordam; mas, contudo, não aumento de vida. Por que razão se há-de concluir que um mamífero é «mais» do que um polipeiro?

Pelo contrário, e bem mais sugestiva e convincente que esta visão «sensaborona» do mundo biológico, descobre-se, à primeira vista, a perspectiva «tridimensional» dum astro onde, por efeito de compressão planetária, o estado de complicação – ou, o que vem dar ao mesmo, a temperatura «psíquica» da biosfera – se encontra obrigado a subir continuamente. Assim se explica a substituição, por passagens sucessivas de testemunho, dos Artrópodes pelos Vertebrados, depois dos Pisciformes pelos Tetrápodes, bem como o domínio progressivo dos Mamíferos, revelando o seu eixo Primata, pouco a pouco, a subida, globalmente irreversível e constantemente acelerada, ao longo de certas linhas privilegiadas, da «cerebração», desde as origens da vida até aos nossos dias. Com efeito, a quantidade e a qualidade de substância nervosa cerebralizada nunca foram maiores na terra do que neste momento. Esta visão «ortogenética» da evolução animal está em vias de, a pouco e pouco, se tornar unânime entre os investigadores. Mas ela só adquirirá o seu pleno valor, na minha opinião, na medida em que implique uma «cadeia» psíquica continua remontando às origens da vida.

Ao longo do imenso intervalo dos tempos geológicos, constata-se que os diversos anéis deste mecanismo interligado não se alteram essencialmente. Parece, efectivamente, que o factor principal de progresso continua a ser o jogo de forças de selecção natural triando, do lado de fora, os produtos com maior êxito e os mais adaptativos duma expansão interiormente

desordenada. Onde uma transformação importante parece que se desenha no decurso do tempo, é ao nível do último anel da cadeia, isto é, da «tomada de consciência». Porque, em virtude mesmo da subida selectiva do psiquismo na biosfera, é inevitável que cada novo elemento superior engendrado pela evolução, na medida em que é mais consciente, tenha um raio de acção maior. Pelo simples facto da sua «ultra-cerebralização», ele ocupa mais espaço. De início, alimentada somente pela multiplicação, a compressão da matéria viva põe-se, pois, pouco a pouco, a aumentar sob o efeito da sua expansão psíquica interna. A cadeia reverte-se sobre si e a intensidade do fenómeno tende a subir quase verticalmente. Deste modo, empregando uma outra imagem, pode dizer-se que a «tinta psíquica» da terra, observada a grande distância por um observador celeste, não teria cessado, por duas razões conjugadas, de girar para o alto, de milhão em milhão de anos, no decurso dos tempos geológicos, até ao momento, particularmente comovente e crítico, em que, no interior duma mancha de irradiação mais activa, cobrindo a África e o sul da Ásia, uma série de centelhas tenham começado a acender-se, preludiando a incandescência que caracteriza a «hominização».

Por mais próximo que seja dos outros grandes primatas, entre os quais não forma, aos olhos da sistemática, mais do que uma simples «família», o Homem distingue-se psiquicamente de todos os outros animais pelo facto absolutamente novo de, não somente saber, mas saber que sabe. Nele, a consciência, pela primeira vez na Terra, dobrou-se sobre si até se converter em pensamento. Inicialmente, para uma testemunha inadvertida, este acontecimento interno teria podido parecer de fraca importância. Mas na realidade, ele não representaria nada menos do que uma erupção completa da vida terrestre sobre ela própria. Ao reflectir-se psiquicamente sobre si, a Vida positivamente lançou-se numa nova partida. Através duma volta da espira mais apertada que a primeira, ela retomou, pela segunda vez, o seu ciclo original de multiplicação, de compressão e de interiorização.

E é assim que, a partir de alguns focos de reflexão evidentemente aparecidos nas proximidades do Pleistocénico, num qualquer ponto da zona tropical ou subtropical do Velho Mundo<sup>2</sup>, se formou rapidamente, tal como a podemos contemplar hoje, a camada pensante da Terra, a «Noosfera»: neo-envolvente planetária, estreitamente solidária com a Biosfera em que se enraíza e, contudo, bem separada desta por um sistema autónomo de circulação, de inervação, e, finalmente, de cerebração. A Noosfera: um patamar novo, para uma Vida renovada.

Até ao Homem, pode dizer-se que era a selecção natural que mantinha a alta direcção em matéria de morfogénese e de cerebração; mas, a partir do Homem, são as forças de *invenção* que começaram a tomar em mãos as rédeas da Evolução. Mudança toda ela do interior e sem reflexo directo sobre a anatomia; mas mudança que arrastou, vemo-lo agora, duas consequências decisivas para o futuro. A primeira, a de aumentar sem limites o raio de influência emanando de cada vivente. E, a segunda, ainda mais revolucionária, a de oferecer a um número crescente de indivíduos a possibilidade de se juntarem e de se unanimizarem cada vez mais estreitamente em redor do fogo inextinguível duma investigação comum.

No homem, a partir do Quaternário, a Vida não cessou de se sobre-desenvolver, ao segundo grau.

---

<sup>2</sup> Ou seja, lá onde, no Terciário superior, se tinha estabelecido e irradiado o grupo dos grandes Antropoides. (NA)

Ora, passadas algumas centenas de milhar de anos que dura o fenómeno, os sinais não se multiplicam a tal ponto que o processo, longe de abrandar, está em vias de atingir uma fase particularmente acelerada e criticada sua evolução?

Tanto quanto podemos seguir ou reconstituir as suas peripécias históricas, a aglomeração e organização da massa humana prosseguiram até aqui em regime de expansão, muito mais do que de compressão. Num planeta fracamente habitado, as diversas civilizações chegavam a crescer e a coabitar sem sarilhos de maior. Mas eis que, no decurso dum século, no seguimento do salto industrial das comunicações e das populações, se desenha um formidável acontecimento. Chegados finalmente ao contacto, os fragmentos da Humanidade, ainda ontem separados, começam, sob o nosso olhar, a interpenetrarem-se até reagirem económica e fisicamente entre si. Aquilo que, dada a relação fundamental entre compressão biológica e subida de consciência, tem como resultado fazer elevar irresistivelmente, em nós e em nosso redor, o nível do Reflectido. Sob o efeito das forças que a comprimem em vaso fechado, a substância humana começa a «planetizar-se», ou seja, a interiorizar-se e a animar-se globalmente sobre si.

Nós imaginamos, talvez, que a espécie humana, já madura, estava em vias de estagnar. Eis que se nos revela como *ainda embrionária*. Em frente ao Humano que nós conhecemos, por centenas de milhar (ou provavelmente por milhões) de anos<sup>3</sup>, estende-se doravante, aos olhos da nossa ciência, uma franja profunda, se bem que ainda obscura, de «Ultra-Humano».

Posto isto, e supondo que nenhum acidente sideral se produza pelo caminho, como se terminará a aventura? Isto é, no fim do ciclo planetário de hominização, será uma *senescência* que devemos prever, ou, antes pelo contrário, um *paroxismo* da Noosfera?...

Em favor da hipótese da senescência, apresenta-se imediata e naturalmente a analogia dos nossos fins individuais. Estando cada um dos elementos pensantes da Terra condenado a decair e a morrer, como é que a soma de todos eles, toda a Humanidade, não envelheceria também ela, por seu lado e pelas mesmas razões? Eis a primeira ideia que nos vem ao espírito. Mas é boa esta ideia? Ou seja, é seguro que podemos extrapolar, sem correcção, sobre o modelo da evolução individual (ou ontogénese), a curva geral do desenvolvimento da espécie (ou filogénese)? Nada o prova, ou melhor, uma consideração precisa dissuade-nos positivamente de o fazer. Pois que, enfim, se, entranhados no crescimento dos nossos corpos individuais alguns princípios de usura e de desagregação aparecem, que ninguém parece poder impedir de se acentuarem com a idade, nada de semelhante se deixa aperceber na evolução global duma massa vivente tão considerável como a Noosfera, em que a lei evolutiva dominante parece antes ser, por necessidade estatística, a de convergir pura e simplesmente sobre si própria.

Quanto mais aprofundamos esta diferença, mais nos convencemos de que não é na direcção dum relaxamento, mas antes de qualquer super-estado de tensão psíquica que se eleva, no decurso do tempo, a multitudine humana. O que quer dizer que, à nossa frente, não é um embotamento da alma, mas, pelo contrário, algum ponto crítico de Reflexão colectiva que se anuncia.

Não como um obscurecimento gradual, mas sob a forma duma brusca fulguração (explosão em que o Pensamento, levado ao extremo, se volatilizaria sobre si mesmo): seria esta,

---

<sup>3</sup> Comportando-se a Humanidade sobre a «árvore da Vida» como uma inflorescência, mais do que como um ramo vulgar, é possível que essa duração (de alguns milhões de anos), estimada segundo a longevidade média das formas animais, deva ser seriamente reduzida, no seguimento dos efeitos de aceleração devidos à totalização da Noosfera. (NA)

se pudesse apostar, que eu escolheria como representação da fase derradeira dum astro vitalizado. E mesmo isto (um clarão supremo) poderia ser considerado, biologicamente, como um término satisfatório do fenómeno humano? E neste ponto que se descobre, precisamente no seu fundo, o problema colocado à nossa ciência pela existência dos planetas com vida.

Falando da subida da temperatura psíquica terrestre, supus sempre que na Noosfera, tal como na Biosfera, se mantinha constante a necessidade ou a vontade de crescer. Não haverá selecção natural e, menos ainda, invenção reflexiva, se o indivíduo não se orientar, a partir do seu interior, na direcção da «super-vida» ou, pelo menos, da sobrevivência. Sobre um tecido cósmico inteiramente passivo e, necessariamente, resistente, nenhum mecanismo evolutivo seria capaz de se enraizar. Quem não vê, então, o drama possível duma Humanidade a perder repentinamente o gosto pelo seu destino? Este desencantamento seria concebível, ou até inevitável, se, sob o efeito de reflexão crescente, nós viéssemos a aperceber-nos de que, num mundo hermeticamente fechado, estivéssemos destinados a acabar, qualquer dia, numa morte colectiva total. Sob o efeito desta medonha constatação, não é evidente que, apesar das mais violentas tracções da cadeia de enrolamento planetário, o mecanismo psíquico da Evolução estacaria, afrouxando, desagregado na sua própria substância?

Quanto mais pensamos nesta eventualidade, de que alguns sintomas mórbidos, como o existencialismo sartriano, provam que não é um mito, mais nos pomos a reflectir que o grande enigma proposto ao nosso espírito pelo fenómeno humano não é tanto o sabermos como a vida se pôde inflamar sobre a Terra, mas mais o de compreendermos como ela pode alastrar nela sem se prolongar mais além. Efectivamente, a vida, uma vez tornada reflexiva, não pode, sem se contradizer a si própria biologicamente, aceitar desaparecer por inteiro.

E menos ainda, por conseguinte, nos sentimos dispostos a rejeitar, como não científica, a ideia de que o ponto crítico de Reflexão planetária, fruto da socialização, longe de ser uma simples centelha na noite, corresponda, pelo contrário, à nossa passagem, por transposição ou desmaterialização, para uma outra face do universo: não o fim do Ultra-humano, mas sim o seu acesso a algum Transumano, no próprio coração das coisas.

Teilhard de Chardin, Paris, 27 de abril de 1950

*(Almanach des Sciences, 1951)*